

“TRAGAM O TRAIADOR PARA CÁ!”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FILME A ONDA.

Por *Carlos Leonardo Bahiense da Silva [i]*
Ricardo Pinto dos Santos [ii]

A Onda.

Título original: Die Welle.

Lançamento: 2009.

Direção: Dennis Gansel.

País: Alemanha.

Duração: 107 min.

Gênero: Drama.

“De modo geral, qualquer pessoa que não pertença exatamente ao grupo perseguidor é uma vítima em potencial...” (Theodor Adorno, Educação após Auschwitz).

O cenário é o anfiteatro de uma escola alemã. Eloquente, Rainer Wenger, o professor, discursa para seus alunos, perfilados, de uniforme branco. Ao ser criticado por Marco, um dos estudantes no recinto, Wenger, para a surpresa de todos, diz: “Tragam o traidor para cá!”. Ato contínuo, Marco é preso pelos colegas; debate-se, tem o semblante cerrado, cabelos loiros a serpentear pela testa, mas a resistência é em vão. É conduzido ao palco em que se encontra o mestre, que, raivosamente, fala: “Marco, responda na frente de todos, você está conosco ou contra nós?”. Com os braços ainda retidos, a sacolejar o resto do corpo, afirma: “você enlouqueceram de vez!”. Wenger, olhando para os presentes, pergunta: “O que vamos fazer com o traidor?”.

Gritos ininteligíveis ecoam pelos cantos do anfiteatro. O professor repete a frase. A atmosfera é tensa. Ele assevera ao corpulento aluno de boné que mantém os braços de Marco atados às costas: “Bomber, você decide. Vamos! Você trouxe o traidor até aqui”. Desolado, posta os olhos momentaneamente no chão, em seguida encara Wenger, e diz: “claro, porque o senhor mandou”. O mestre: “Por que eu mandei? Você o mataria se eu mandasse? Devemos enforcá-lo ou arrancar a cabeça dele? Poderíamos torturá-lo para concordar conosco. É isso que fazem na ditadura”. Silêncio sepulcral. Wenger: “Entenderam o que aconteceu aqui?”. Quando o professor vai esclarecer o sentido daquele exercício-simulado, a cena do anfiteatro, no final do filme A Onda, ainda reserva ao espectador uma tragédia, que contamos ao ansioso leitor linhas à frente.

A Onda é inspirado em fatos reais ocorridos com o professor de história Ron Jones, em 1967, em Palo Alto, Califórnia. Jones reencenou a estética nazista, de sorte a perceber como sociedades liberais podiam produzir atrocidades tais quais as cometidas por Hitler e seus seguidores. Durante uma semana seus alunos construíram um grupo político, com feições extremistas, denominado A Terceira Onda, que estabeleceu saudação, slogan e milícia. O projeto rendeu ao professor aborrecimento com pais e diretores da Cubberley High School. No entanto, Jones também ganhou dinheiro visto que sua experiência serviu de esteio para um livro, além de alcançar a TV e o cinema (em 2011, Philip Neel, ex-integrante da turma de 1967, produziu o documentário Lesson Plan, the story of The Third Wave).

O filme de Dennis Gansel tem como cenário principal uma escola alemã. Nada de especial, segunda-feira, o professor Rainer Wenger (Jürgen Vogel), dirige seu automóvel ao som de Rock 'n' Roll High School do Ramones. Chega à escola e descobre que vai ensinar autocracia durante a semana de projetos do colégio. Insatisfeito, tenta, por uma questão de proximidade com o tema, trocar com outro professor, que se incumbiu de discutir o conceito de anarquia. Frustrado, Wenger leva para sala de aula uma temática que não lhe apetece. O mesmo vale para seus alunos.

Imersos em uma atmosfera de puro alheamento, preenchida por festas repletas de drogas e bebidas, os jovens estudantes discutem o vazio de seus dias. Um deles afirma: “contra o que a gente vai se revoltar hoje em dia... parece que nada mais vale a pena... a gente só quer diversão... o que falta para nossa geração é um objetivo comum...”. Martin (Dennis Gansel – ator e diretor) concorda e, com sarcasmo, informa a seu interlocutor que Paris Hilton é a pessoa mais procurada no Google.

O painel se desenha. Um professor descontente com a disciplina que ministrará e alunos que pouco enxergam além de suas bebedeiras. A aula começa sem maiores transtornos. Questões básicas são apresentadas e contempladas com respostas e explicações objetivas. Ao mencionar o Terceiro Reich, a aula ganha uma nova dimensão. A temperatura entre os jovens aumenta. Discutem acaloradamente.

Retomar o passado é um dilema para os estudantes. Entretanto, o debate revela um traço marcante da contemporaneidade: enquanto alguns tentam compreender com

maior profundidade os tempos idos, outros não reconhecem qualquer importância no processo. Sobre a Alemanha Nazista, dizem os debatedores:

Aluno 1- temos que ver tudo isso de novo?

Aluno 2- é um assunto importante.

Aluno 1- O nazismo era uma droga, já entendemos isso.

Aluno 3- Certo, o nazismo era uma droga.

Aluno 1- Além do mais, isso não vai mais acontecer.

Aluno 2- Ah é, e os neonazistas?

Aluno 1- A gente não pode se sentir culpado por algo que não fez.

Aluno 2- Não é questão de culpa. É questão de responsabilidade histórica.

A discussão travada pelos alunos é assistida atentamente pelo mestre, que, habilmente, questiona os presentes sobre a possibilidade de uma nova ditadura na Alemanha. Um dos estudantes responde: “de jeito nenhum. Estamos além disso”. Aqui uma reflexão é necessária. Os filhos de pais que vivenciaram os sombrios tempos da Segunda Guerra Mundial experimentaram uma angústia, um mal-estar. Uma incômoda pergunta (transformada em tabu) não podia ser colocada aos progenitores: “O que vocês fizeram quando Hitler matou milhões de judeus com o gás Zyklon-B?”.

Tal estranhamento compunha um fenômeno que Gitta Sereny[ⁱⁱⁱ], biógrafa de Albert Speer, chamou de “o trauma alemão”. Muitos daqueles jovens angustiados do pós-guerra foram seduzidos pelo Baader-Meinhof, grupo guerrilheiro (ou terrorista, a depender do prisma de análise) que agia contra as instituições representativas do capitalismo liberal (visto como uma nova forma de fascismo[^{iv}]), no final dos anos de 1960, na República Federal da Alemanha (RFA). Hoje, como A Onda sugere, a temática do Holocausto Judeu é amplamente trabalhada nas escolas alemãs (diferente do Massacre de Nanking nas instituições escolares do Japão).

Voltemos a Wenger e sua classe. O professor estimula os estudantes a responder quais os pressupostos para a construção de um regime ditatorial/autocrata. A insatisfação é tida como a causa principal do processo. Uma população descontente, frustrada em seus anseios e demandas poderia esposar ideias discricionárias, e, portanto, sustentar movimentos de extrema-direita.

A reflexão proposta pelo mestre carece de avaliação mais cuidadosa. Asseverar que indivíduos descontentadiços apoiam o amordaçamento cultural e político, o extremismo, é limitado. É necessário levar em consideração o contexto, as circunstâncias históricas, afinal, como nos ensina Norbert Elias[v], em seu estudo sobre a vida de Mozart, os homens são inextricavelmente frutos de sua época. Não há homem a frente de seu tempo. Amplas parcelas da sociedade alemã seguiram o nacional-socialismo em razão de um rosário de fatores: derrota das tropas guilherminas e a ofensiva ao solo pátrio; humilhação procedente do Tratado de Versalhes; medo do avanço do comunismo; Crise de 1929 etc..

Contudo, a ligação entre Hitler e seus sequazes manteve-se forte por um longo período (a resistir, em alguns casos, ao decorrer inexorável do tempo). Francisco Carlos Teixeira da Silva[vi], em seu livro de memórias, mostra que, para Ernest Nolte, o fascismo é um fenômeno metapolítico. No entanto, Francisco Carlos faz a crítica ao reconhecer que Nolte não esclarece de que maneira a transcendência do político operava nos corações e mentes dos alemães, de modo a tornar a estetização fascista irresistível.

Discípulo de Sigmund Freud (embora tenha rompido com ele), Wilhelm Reich[vii] acredita que as massas germânicas seguiram um artista frustrado, um cabo do exército sem maiores qualificações (exemplo do que ele próprio denominou “Zé ninguém”), em virtude de um processo de recalçamento sexual. Reich considera o homem detentor de uma economia sexual que, em desequilíbrio, apela para substitutivos. Explicamos: a repressão sexual imposta pela Igreja e pela família autoritária na Alemanha pré-nazista fez com que os indivíduos procurassem novas cotas de gratificação e prazer, em nível inconsciente, através da identificação com o líder. Olhos magnetizados pela fala do Führer ofertam algum crédito à teoria reichiana.

Adepto da sociologia funcionalista, Talcott Parsons atribuiu à sociedade em estado de anomia a motivação fundamental para o florescimento da extrema-direita.

Parsons, influenciado por Emilie Durkheim, entende a anomia social como um cenário em que as pessoas carecem de integração institucional, vínculos sociais, referenciais sociológicos. Estas ausências facultaram a penetração do fascismo com seus hinos, símbolos e bandeiras, especialmente junto às classes médias urbanas amedrontadas face ao “perigo vermelho”.

Não resta dúvida que a propaganda contribuiu largamente para arregimentar pessoas em torno do Partido Nazista. Mas o fascismo e a aprovação pública de seus crimes não podem ser explicados apenas pelos mecanismos propagandísticos. Os historiadores que sublinham reiteradamente tal interpretação, como julga Francisco Carlos, foram eles próprios, no limite, inebriados pela fala de Joseph Goebbels.

Ainda que sua provocação intelectual fosse frágil, o professor Wenger não era um acadêmico, nem o espaço era universitário. Diante da afirmação de que a ressurgência de uma ordem ditatorial era improvável, o educador, sem revelar suas intenções aos alunos, recria dentro de sala um simulacro das bases de um sistema autocrata. Culto à liderança, disciplina, signos, gestos e, acima de tudo, a uniformidade do coletivo se transformam em regras na classe de Wenger.

Dia após dia, os estudantes, antes entediados, aprovam o novo formato da aula com marchas e bravatas. Encontram uma resposta gratificante aos seus desejos e demandas. O professor, extremamente loquaz, não se depara com muitas dificuldades para construir um grupamento monolítico. Suas aulas tornam-se concorridas. Arregimenta e amplia adeptos. Supera-se a condição anômica por meio da identificação com o grupo recém-formado: A Onda.

Afora a insatisfação, o filme deixa entrever que a desorganização familiar (distanciamento pais-filhos) favorece a sedução fascista. Enquanto crianças se entorpecem e adotam uma postura, no geral, agressiva, os mais velhos dizem que essa geração deve descobrir seus limites através das suas próprias experiências. A sorte está lançada. Uma sociedade sem sistema de referências e balizamento, sem compreensão histórica e perspectivas, o pavio para autodestruição pode ser aceso por qualquer um. Segundo a indicação da película, esta é uma das lacunas ocupadas pelos lobos da extrema-direita.

Ao longo da montagem do grupo (escolha do nome, emblemas, slogans), as diferenças entre os integrantes, ainda que não desapareçam, são eclipsadas em favor da unidade política. Depreende-se tal unidade a partir de um discurso autoritário comum aos membros de A Onda, mas também por meio de sua vestimenta estandardizada/padronizada: camisa branca, calça jeans, sapato preto. A construção do carisma grupal, da autoimagem da coletividade, necessita de um outsider, segundo a teoria figuracional de Norbert Elias[viii]. Uma das principais expressões da história cultural informada pela psicanálise, Peter Gay[ix] sugere que a agressividade (física ou verbal) precisa de um álibi. Ao analisar a cultura burguesa do alvorecer do século XX, Gay sugere três tipos: o culto a macheza (androcentrismo, para Pierre Bourdieu[x]); o argumento da raça; e o outro conveniente (categoria freudiana).

O outro se apresenta como objeto de desprezo, de ódio, por meio do qual, convenientemente, o grupo cultivador da raiva define seu perfil através do par antitético nós/eles. É assim no filme. Os alunos que não desejam participar da formação de A Onda passam a ser desprezados pelos demais colegas de classe. Karo (Jennifer Ulrich) antagoniza os membros do grupo; é, por excelência, uma outsider, na linha elisiana. Consciente do processo que se desenha, a aluna interpela a todo o momento as ações do professor e da turma. Pregando no deserto, sem lhe dar ouvidos, os colegas isolam Karo em escala crescente.

Em um dado momento do filme, os estudantes marcham em sala objetivando se tornarem um só corpo, orgânico, indissolúvel. Forma-se a unidade fascista. Naquelas circunstâncias, ainda que Karo continue sendo objeto de exclusão, A Onda alça à condição de outro conveniente a turma do Sr. Wieland, professor do curso de anarquia. Fosse como fosse, extremistas de direita não têm qualquer apreço pela alteridade; adotam uma postura persecutória a todos aqueles que representem a dessemelhança: judeus, negros, ciganos, testemunhas de Jeová, homossexuais.

No comportamento da classe de Wenger algo chama atenção: mesmo sem saber o verdadeiro objetivo por trás do projeto do professor, seus alunos, agora fascistizados, estão dispostos a segui-lo. Lembram a Juventude Hitlerista a acompanhar o Führer ou a Mocidade Portuguesa a seguir Antônio Salazar.

Duas outras cenas merecem registro. O solitário Tim Stoltefuss (Frederick Lau) joga fora suas roupas de marca e, em seguida, Karo é criticada por não usar a camisa branca, que compunha o uniforme de A Onda. Sua recusa é tida como um gesto egoísta; típica atitude, na visão do grupo, de uma jovem refém da vaidade. As cenas, em sequência, são complementares. Enquanto Tim abdica dos símbolos individuais e aceita a uniformização, traduzida no uso do branco, Karo quer manter seus desejos e escolhas individuais, que a transformam ainda mais em objeto de estereótipo.

Naquela altura, o exercício está fora de controle. O processo de fascistização foi concluído. Marco (Max Riemelt) percebe sua modificação ao bater em sua namorada Karo. O ato agressivo leva-o a identificar o processo como um equívoco. Diante da constatação, vai à casa de Wenger pedir para que ele cancele a “pseudo-disciplina”, pois se trata de uma experiência “totalmente fascista”.

No final do exercício, o professor reúne os integrantes de A Onda, e começa a ler os textos produzidos por eles que explicam o significado do envolvimento naquele projeto/grupo. Mais do que um simples olhar sobre o resultado do que foi construído, tem-se uma síntese daquilo que, para os alunos/membros, efetivamente representou tal experiência. Trechos importantes:

Sempre tive tudo o que quis. Roupas, dinheiro, tudo. O que mais eu tinha era tédio. Mas, os últimos dias foram muito divertidos. Não importa quem é o mais bonito, mais popular ou faz mais sucesso. A Onda nos tornou iguais.

Raça, religião e classe social não importam mais. Pertencemos a um movimento. A Onda deu significado as nossas vidas. Ideais pelos quais vale à pena lutar.

Com um discurso inflamado, o professor Wenger, ainda sem nenhuma referência ao objetivo central do curso, segue, após a leitura de alguns excertos, tencionando preservar A Onda. Diz: “É impressionante o que aprenderam. Então, não devemos deixar que acabe assim”. Os estudantes prorromperam em palmas. Após evasivamente atacar a globalização, os políticos, a desigualdade social, o terrorismo, Wenger volta à carga: “Juntos, podemos fazer qualquer coisa. Temos a oportunidade de escrever a história!”. Nesse momento, Marco já está de pé, na plateia, a questionar o orador. Em tom provocativo, Wenger, como um líder fascista, ao fazer referência a Karo, identifica

o “inimigo”. Afirma que sua “namorada o colocou contra nós. Esse é o problema!”. Quando o aluno tenta se defender, uma colega não se contém: “Ela contaminou você”.

O professor insiste que Marco não conseguirá deter o movimento. “Daqui, A Onda vai para toda a Alemanha!”. Peremptório, Wenger diz que qualquer pessoa que se opuser A Onda será levada por ela. É aí que o mestre, a simular um comportamento extremista, determina que o “traidor” seja conduzido ao palco (o filme sugere que, em algum nível, o próprio Wenger, traído pelo narcisismo, foi seduzido por toda aquela louvação em torno de sua figura). Ao perguntar a Bomber o que fazer com Marco, o professor trás os estudantes novamente para a realidade, e reconhece que eles assumiram uma posição fascista. Consideraram-se melhores que os outros, especiais, excluíram pessoas, e se dispuseram a ferir. Aliviado, desabafa: “... não quero nem pensar do que seríamos capazes”.

Talvez, aqui, muitos aceitassem a fala da personagem central, um ex-nazista, do romance de Jonathan Littel[xi], *As Benevolentes*: “Julgo poder concluir como um fato estabelecido pela história moderna que todo mundo, ou quase, num dado conjunto de circunstâncias, faz o que lhe dizem para fazer; e me desculpem, há poucas chances de vocês serem a exceção, assim como eu”. Alinhados com Tzvetan Todorov[xii], discordamos. Mesmo em uma situação extrema o homem, senhor do seu destino, não perde, por completo, a capacidade de escolher.

O leitor nos cobra: e a tragédia anunciada nas primeiras linhas do ensaio? No momento em que o professor Wenger julga que A Onda chegou ao fim, Tim, cuja vida ganhou sentido com a construção do grupo de extrema-direita, após o inconformismo do aluno Dennis, saca a arma, e, em desespero, diz: “A Onda está viva! Ela não morreu”. Repete a frase. Aos gritos. Fora de si, alveja um colega, matando-o e, em seguida, se suicida. A película nos mostra que, como o jovem Tim, nem todos estão dispostos a abdicar das doses de gratificação/prazer que o discurso fascista é capaz de ofertar. Existem muitos “Tins”, sem vínculos sociais mais profundos, emocionalmente infelizes, dispostos a ingressar em uma gang neonazista[xiii] ou apoiar um partido de direita radical. Como intelectuais, nos cabe a denúncia.

Notas

[i] Doutor em história da ciência e da saúde pública (Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ).

[ii] Mestre em história (História Comparada/IH/UFRJ).

[iii] SERENY, Gitta. O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

[iv] O fascismo é compreendido por nós como um conceito amplo. Engloba o movimento italiano de Benito Mussolini e experiências congêneres, portanto, pode-se falar em nazismo ou fascismo alemão; franquismo ou fascismo espanhol; salazarismo ou fascismo português, e assim por diante. Ademais, é visto como um fenômeno, leia-se, capaz de ressurgir, havendo as condições históricas para tal, cf. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. “Os fascismos” in: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Para uma comparação entre fascismo e neofascismo, cf. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. “Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade” in: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (org). O século sombrio: uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Para uma crítica ao conceito de neofascismo, cf. GREGOR, A. James. The search for neofascism: the use and abuse of social science. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

[v] ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

[vi] TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Vox, vocês (re) memorar. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

[vii] REICH, Wilhelm. A psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

[viii] ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

[ix] GAY, Peter. O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[x] BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

[xi] LITTEL, Jonathan. As benevolentes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

[xii] TODOROV, Tzvetan. Em face do extremo. São Paulo: Papirus, 1995.

[xiii] Sobre os neonazistas, cf. LEE, Martin A..The beast reawakens: fascism's resurgence from Hitler's spymasters to today's neo-nazi groups and right-wing extremists. New York: Routledge, 2000; EZEKIEL, Raphael S.. The racist mind: portraits of american neo-nazis and klansmen. New York: Penguins Books, 1996; MOYANO, Antonio Luis. Neonazis: la seducción de la svástica – en busca del IV Reich. Madrid: Ediciones Nowtilus, 2004; HOCKENOS, Paul. Livres para odiar: neonazistas – ameaça e poder. São Paulo: Scritta, 1995.